



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA INGLESA**

TIAGO SOARES CORREIA

**TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS EM ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS: TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO**

CAJAZEIRAS-PB

2017

TIAGO SOARES CORREIA

**TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS EM ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS: TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C824t Correia, Tiago Soares.
Tradução de itens culturais específicos em Alice no País das Maravilhas: tradução de Monteiro Lobato / Tiago Soares Correia. - Cajazeiras, 2017.
49f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Tradução de literatura infantil. 2. Itens culturais específicos. 3. Estratégias de tradução. I. Queiroga, Marcílio Garcia de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

TIAGO SOARES CORREIA

**TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS EM ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS: TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO**

Aprovado em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga
Universidade Federal de Campina Grande
(Orientador)

Prof. Me. Elinaldo Menezes Braga
Universidade Federal de Campina Grande
(Membro)

Prof. Me Fabiane Gomes da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
(Membro)

Daniela Miguel de Souza Morais
Universidade Federal de Campina Grande
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida e amparo nas horas mais difíceis até aqui.

A minha família que sempre me deu suporte na vida, nos estudos, e em todas as etapas da minha vida acadêmica.

Aos amigos pelo apoio durante esse período da faculdade, e ao professor Marcilio Garcia de Queiroga pela presteza em orientar-me e ajudar-me durante esse processo.

Foi o tempo que dedicastes à tua rosa que fez tua rosa tão importante.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

A área dos Estudos da Tradução é um vasto campo composto por suas diferentes áreas, com suas particularidades e encantos, e talvez uma das mais encantadoras e também problemáticas áreas deste campo seja o da Literatura Infantil traduzida. O presente trabalho pretende analisar uma das obras da Literatura infantil mais conhecida no mundo *Alice no País das Maravilhas*, através de uma tradução do célebre escritor brasileiro Monteiro Lobato. O *corpus* utilizado nessa análise é composto pela obra original escrita pelo inglês Lewis Carroll, e sua tradução por Monteiro Lobato, edição de 1972. O processo de tradução constitui um verdadeiro desafio para os tradutores, e quando tratamos de Literatura Infantil traduzida, essa tarefa torna-se ainda mais árdua, devido aos fatores sociais, ideológicos e, conseqüentemente, culturais. O objetivo principal será analisar as estratégias usadas por Monteiro Lobato, na tradução desses fenômenos semióticos. Para tal análise dos excertos retirados das obras, foi utilizada como aporte teórico a proposta de classificação de estratégias de tradução de Itens Culturais Específicos de Javier Aixelá. Através da análise dos excertos foi possível chegar a conclusão que Lobato, ao realizar as estratégias de tradução dos Itens Culturais Específicos, o seu objetivo se concretiza, de trazer para o público infantil, uma tradução simples, sem enfeites estilísticos, com uma linguagem que buscava o tom coloquial da oralidade, e ao mesmo tempo trazia para o leitor, o universo cultural não apenas inglês, pois a obra original está imbricada de elementos da cultura inglesa, e brasileira, através da tradução inteligente dos Itens Culturais Específicos.

Palavras-chave: Tradução de Literatura Infantil, Itens Culturais Específicos, Estratégias de Tradução.

ABSTRACT

Translation Studies is a field composed of its several areas, with their particularities and charms, and perhaps one of the most enchanting and also problematic area of its field is the Translation of Children Literature. This paper has as objective to analyze one of the main books of children literature, Alice's Adventures in Wonderland, through a translation by one of the most celebrated Brazilian author Monteiro Lobato. The corpus used in this analysis consists of the original novel written by the English writer Lewis Carroll, and a translation of its work by the writer Monteiro Lobato, 1972 version. The translation process is a real challenge for the translators, and when it comes to translation of Children Literature, this task becomes even more arduous, due to the social, ideological and consequently cultural factors. This paper has as main objective to analyze the strategy used by Monteiro Lobato, in the translation of this semiotic phenomena, and the final product of this process. For the analysis of the excerpts taken from both novels, the theoretical contribution of Javier Aixelá and his proposal of classification of strategies of translation of Specific Cultural Items. Through the analysis of the excerpts was possible to conclude that Lobato, by using the translation strategies of Specific Cultural Items, had his objective materialized, of bringing the children audience, a simple translation, without stylistic embellishments, a language with an oral tone, and at the same time brought to the reader, the cultural universe, not only English, since the novel is interwoven with elements of the English culture, but also the Brazilian, through the intelligent translation of Specific Cultural Items.

Key-words: Translation of Children Literature, Specific Cultural Items, semiotic phenomena, translation strategies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL	10
1.1 LITERATURA INFANTIL: CONCEITUAÇÃO E PROBLEMAS NA TRADUÇÃO ...	16
2. MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL.....	19
2.1 O TRADUTOR	20
2.2 ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND: AUTOR E CONTEXTO	23
2.3 TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS	27
3. ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND E ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO	34
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas muito se tem discutido a respeito do papel da tradução, não apenas como processo importante de transcrição linguística de um texto de uma língua-fonte para uma língua-alvo, mas também como um dos principais meios de acesso a culturas diferentes e intercâmbios de informações, valores sociais, políticos, religiosos e educacionais, uma discussão na qual a tradução literária é vista como forma de inserção em determinada cultura, através do processo tradutório.

A Literatura Infantil traduzida é uma área que, apesar de ainda escassa em estudos acadêmicos, vem ganhando destaque com a contribuição de estudiosos e críticos. As muitas críticas existentes relacionadas à Literatura Infantil, devem-se ao fato desta ter seu status definido como inferior, dentro de um polissistema literário, e devido ao público ao qual se direciona, geralmente considerado, segundo visões estereotipadas, um público com conhecimento limitado, com dificuldade de assimilação, e que rejeitam uma cultura que não lhe seja familiar.

A Literatura Infantil traduzida, vista sobre a ótica da Teoria dos Polissistemas, faz parte de um sistema hierárquico literário em constante competição e evolução, e o que determina sua posição em determinado sistema são fenômenos semióticos como a sociedade, e a cultura, dentre outros.

O fenômeno semiótico da cultura é tratado na literatura traduzida como parte importante, já que todo texto é parte integrante de uma cultura, podendo ser segundo Hermans (1985) passível de manipulação do texto-fonte, segundo os objetivos do tradutor.

A obra *Alice no País das Maravilhas*, tanto a original quanto a tradução de autoria de Monteiro Lobato são direcionadas ao público infantil, com propósitos semelhantes, mas foram escritas em contextos diferentes, ou seja, a obra original está imbricada de aspectos da cultura inglesa, que aparecem na obra através de paródias, trocadilhos, expressões idiomáticas dentre outros. Uma obra na qual as palavras não interagem apenas com o texto, mas com a cultura na qual está inserida. Enquanto que na tradução, para que uma obra seja aceita, há uma manipulação do texto-fonte e conseqüentemente dessa cultura, em diferentes graus por parte do tradutor. Dependendo do grau dessa manipulação, o resultado será uma tradução literal ou livre. Devido a essas manipulações do texto e de itens que caracterizam a cultura-fonte, a obra de Monteiro Lobato, é caracterizada como adaptação.

Diante disso, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar as estratégias tradutórias desses itens próprios da cultura-fonte utilizadas por Lobato, e o modo como tais

itens são substituídos, omitidos ou mantidos na tradução. Para tanto terei como aporte teórico a proposta de classificação de estratégias de tradução de Itens Culturais Específicos de Javier Aixelá.

No primeiro capítulo será feito um breve panorama da Literatura Infantil, bem como sua tradução, sua relação com a teoria dos polissistemas, problemas quanto à sua conceituação e relacionados a tradução de Literatura Infantil também serão abordados nesse capítulo.

No capítulo 2, será feita uma breve contextualização da vida pessoal e profissional de Monteiro Lobato, e de sua face menos conhecida, a do Lobato tradutor, da mesma forma será feita uma contextualização da vida do escritor inglês Lewis Carroll, autor da obra original.

O último capítulo será dedicado à análise de excertos retirados de ambas as obras, mostrando as estratégias de tradução de Itens Culturais Específicos usada por Monteiro Lobato no processo tradutório.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL

A tradução de literatura infantil constitui uma das muitas áreas dos Estudos da Tradução e nos últimos anos tem ganhado interesse da crítica e pesquisadores. Ainda assim o número de trabalhos na área é escasso. Em sua tese de doutorado, Queiroga (2014) nos apresenta uma lista de livros em língua inglesa sobre o tema, além de teses e dissertações desenvolvidas no Brasil nos últimos 20 anos sobre tradução de literatura infantil. Dentre os poucos eventos e simpósios que ocorreram para a discussão sobre a tradução de literatura infantil está o Terceiro Simpósio da Sociedade Internacional de Pesquisa para Literatura Infantil, que ocorreu na Suécia em 1976, no qual estudiosos da área debateram os problemas relacionados ao campo da tradução de literatura infantil.

Estudiosos da literatura infantil como Richard Bamberger (1978) e Göte Klingberg (1986), este último um dos primeiros a sistematizar a prática e a experiência de traduzir a literatura infantil, centraram seus estudos no processo linguístico, diferenças ideológicas e fatores econômicos, de recepção e influência dos livros infantis, ambos contribuíram para que o campo da tradução de literatura infantil continuasse a galgar em pequenos passos, para se mostrar como área que merece sua devida importância e destaque nos Estudos da Tradução. Até então a literatura infantil era relegada a produto puramente pedagógico e não artístico. Zohar Shavit (1986) em muitas de suas críticas enfatiza que a Literatura Infantil, pelo fato de ser considerada uma área periférica dentro do polissistema, é negligenciada e pouco respeitada campo insignificante de pesquisa, ganhando assim, status de inferioridade.

Muitas áreas do campo da Literatura Infantil são poucos explorados e conseqüentemente pesquisados entre as várias áreas listadas pelo estudioso Klingberg (1986) estão áreas como estudos estatísticos, econômicos, de como os livros são selecionados para a tradução, estudos relacionados a prática tradutória, referentes a recepção e influência das traduções em um sistema.

No artigo “*Translating for Children*”, de Eithne O’Connell (2006) presente no volume *The Translation of Children’s Literature. A Reader*, editado por Gillian Lathey, a autora aponta que ao fato da Literatura Infantil ser pouco estudada dá-se pelo fato de área ser considerada sub-valorizada e negligenciada.

Zohar Shavit em seu livro “*Poetics of Children Literature*” (1986), também aponta a falta de atenção prestada à tradução de literatura infantil, considerando a literatura como um série de sistemas hierárquicos e subsistemas com duas categorias abrangentes: a canônica e a não-canônica. Neste sentido, temos os gêneros que são mais e menos prestigiados, que

recebem menor ou maior atenção da crítica ou, no caso da literatura infantil, aqueles que não são considerados dentro do sistema literário como literatura, ainda que recebam este nome. Com a tradução não é diferente. Dentro do sistema literário nacional não há sequer menções nos manuais de história literária referências sobre a importância das traduções na formação da nossa literatura, por exemplo.

É neste sentido, de dar visibilidade a gêneros pouco estudados que nos valem da teoria dos polissistemas. No campo dos Estudos da Tradução, o teórico israelense Even-Zohar (1979) é quem desenvolve os estudos sobre os polissistemas. O estudioso considera a literatura traduzida não apenas como um sistema integral do polissistema literário, mas como um dos sistemas mais ativos dentro desse polissistema.

A teoria dos polissistemas ganhou destaque dentro da tradução a partir dos anos de 1970 e tem como conceito a ideia de sistema implantada pelos formalistas russos. Even-Zohar buscou o conceito de sistema de Tynianov, que abrange diferentes sistemas literários estruturados hierarquicamente e em permanente estado de transformação, para informar a sua ideia de polissistema. (MARTINS, 2002. p 36). Para Tynianov esses sistemas estão continuamente competindo entre si, numa luta permanente, o que conduz a evolução literária. Tynianov investigou gêneros literários e tradições como um todo, incluindo todo o círculo social.

Para Even-Zohar (1979), a teoria dos polissistemas, baseia-se no argumento de que um fenômeno semiótico como a linguagem, cultura ou sociedade, poderia ser melhor apreendido, enquanto sistema do que separado enquanto entidades. Sobre a posição da literatura traduzida no polissistema “caso a literatura traduzida se torne central ou periférica, ou se essa posição está conectada com repertórios inovadores (“primária”) ou conservadores (“secundária”), depende da constelação do polissistema estudado.” (EVEN-ZOHAR, 1979, p.46) (tradução nossa).¹ Para tanto, a posição de periférica, atribuída à literatura traduzida dá-se, devido à repressão causada por fenômenos semióticos, que uma vez hierarquizados dentro do polissistema, determinam essa posição periférica da mesma.

Outra importante característica do polissistema, é que, seus diferentes níveis ou subdivisões competem constantemente uns com os outros por uma posição dominante. Even Zohar (1990), para informar sua ideia de polissistema, adota o conceito de sistema de

¹“Whether translated literature becomes central or peripheral, and whether this position is connected with innovatory (“primary”) or conservatory (“secondary”) repertoires, depends on the specific constellation of the polysystem under study.”(EVEN-ZOHAR, 1979, p.46).

Tynianov (1976) sobre a estrutura hierarquia do sistema literário, os quais estão estruturados hierarquicamente e em constante estado de transformação.

O polissistema literário é definido por Baker (1998) como “Um constante estado de tensão entre o centro e a periferia, no qual diferentes gêneros literários lutam pelo centro” (tradução nossa). Tomando conceitos de Shklovskij para explicar as distinções socioculturais na produção do texto em termos de estratificação literária EvenZohar (1990) expressa:

Segundo ele (1921, 1923), na literatura certas propriedades tornam-se canonizadas, enquanto outras permanecem não-canonizadas. Nesse sentido, por "canonizado" entende-se aquelas normas e obras literárias que são aceitas como legítimas pelos círculos dominantes dentro de uma cultura e cujos produtos conspícuos são preservados pela comunidade para fazer parte de seu Patrimônio histórico cultural. Por outro lado, "não canonizado" significam aquelas normas e textos que são rejeitados por esses círculos como ilegítimos e cujos produtos são muitas vezes esquecidos a longo prazo pela comunidade (a menos que mudem seu status). A canonicidade não é, portanto, uma característica inerente às atividades textuais em nenhum nível: não é um eufemismo para literatura "boa" versus "má". O fato de certas características tenderem, em certos períodos, a se agrupar em torno de certos status não significa que essas características sejam "essencialmente" pertinentes a algum status.”

Desta forma, o polissistema literário não é constituído apenas por literatura canonizada, mas também por outros gêneros, como contos populares, romances, a literatura oral, literatura produzida e ainda a literatura infantil traduzida, principal tema desse trabalho, entre outros.

A literatura traduzida exerce um papel fundamental dentro do polissistema literário. Para a teoria dos polissistemas, a tradução literária diz respeito a um tipo de texto que é parte integral de uma cultura. Segundo Hermans (1985), toda tradução tem um grau de manipulação do texto-fonte, manipulação essa que está relacionada ao propósito da tradução.

Como já mencionado, nas últimas décadas muito se tem discutido sobre a tradução, suas abordagens, conceitos, objetivos, e sua real importância e necessidade em um mundo atual com constantes transformações.

É por meio da tradução que são realizados intercâmbios de informações, idéias, matérias e principalmente de valores. Através da tradução conseguimos compreender um pouco mais sobre o universo cultural, político, religioso de outros povos, uma vez que toda língua reflete sua cultura.

Assim sendo, a tradução vista como intercâmbio ideológico e os estudos da tradução paulatinamente crescendo nas várias áreas do conhecimento, como a psicanálise, visibilidade e invisibilidade do tradutor, questões culturais no ato da tradução, mercadológicos, entre outros, um dos campos que ainda necessita maior atenção está o da tradução e análise de livros direcionados ao público infantil. Diante desse horizonte, vemos que a tradução é um processo no qual a bagagem cultural é levada de encontro ao leitor da cultura-alvo, dentre esses leitores, encontra-se um dos principais públicos, pelos quais o trabalho de tradução volta-se, o público infantil, neste caso, a tradução é vista tanto em relação a sua função educadora quanto lúdica.

A perspectiva em relação a importância da literatura infantil na formação das crianças é bem antigo, data do final do século XVII na Europa, onde histórias escritas mais tarde vieram a fazer parte da literatura infantil, a exemplos das fábulas de La Fontaine em (1668) e a publicação na França de *Os Contos da Mãe Gansa* (1697) publicada por Perrault, autor responsável por consagrar os contos de fadas. Surgem a partir de então outros autores com o objetivo de escrever para as crianças. Os mais conhecidos autores de contos de fadas da história foram os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), da Inglaterra;

Neste país a literatura infantil desenvolve-se no século XVIII durante a Revolução Industrial. A criança, nesse contexto, passa a ser alvo de investimentos, surgem os livros infantis (objetos culturais), brinquedos (objetos industrializados) e ramos da ciência direcionados a criança como (pediatria, a psicologia, pedagogia...). Segundo Rita Ghesquiere, no artigo “*Why does children literature need translation?*” (2006), as convicções filosóficas de Jean-Jacques Rousseau, lançaram as bases para o novo e conflitante conceito de literatura infantil, com princípios educacionais na qual a criança deveria aprender através da experiência e encorajados pela idéia de “confrontar as crianças com histórias que continham exemplos úteis e lições.”. À exemplo de literatura produzida nesse período esta a histórias de aventura de *Robinson Crusóe* (1719) de *Daniel Defoe*.

O movimento filantrópico com suas bases e convicções que teve início na Alemanha foi importante para o desenvolvimento da literatura infantil tanto em termos de quantidade, com o aumento dos livros, mas como cita Ghesquiere também com uma maior diversidade de modelos e substancialmente a melhora da qualidade dos livros. Os educacionalistas filantrópicos alemães, cientes da literatura infantil impulsionaram textos e revistas especializadas direcionadas para o público leitor infantil. O mesmo aconteceu em outros países, como a França e Inglaterra.

Com a mudança de percepção sobre a criança, trazida pelo filantropismo alemão disseminado em outros países, a criança é vista não mais como adulto em miniatura, mas como criança, e que deveria desfrutar dessa infância, isolada, quando possível, dos aspectos negativos da sociedade.

Como consequência da visão pedagógica da literatura na vida da criança, temas como sexo, violência, injustiça tornaram-se impróprios, as crianças agora não estavam incumbidas de refletir, a principal mensagem dos livros seria a partir de então a sentimentalidade e imaginação.

Nesse contexto, surgem muitos autores e seus clássicos contos de fantasia, entre eles *Pinocchio* (Carlo Collodi 1883), *The Wonderful Wizard of Oz* (L. Frank Baum 1900), *Peter Pan* (James M. Barry 1904), *Alice's Adventures in Wonderland* (Lewis Carroll 1865).

No Brasil, a literatura infantil veio surgir anos depois, apenas no século XX:

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.21)

Uma produção nacional fragmentada que só veio a se expandir com a aceleração da urbanização no final do século XIX e começo do século XX. As massas começam a produzir mais produtos industrializados, específicos de cada faixa etária. Entre esses produtos estavam os romances ligeiros, matérias escolares e livros infantis, um consumo baseado na absorção de produtos culturais.

No Brasil, a história da literatura infantil e sua divulgação é concomitante à história da proclamação da República no país, a mudança de governo e à legitimação da imagem que o país até então ambicionava, com uma acelerada urbanização e em franca modernização. Nesse cenário de urbanização e crescimento acelerado, surgem as massas consumidoras de produtos industrializados, constituindo os diversos públicos, consumidores das mais diversas publicações que vinham surgindo no país. Um público disposto a consumir bens culturais, a exemplo das revistas e livros infantis.

Nesse contexto de urbanização, a sociedade confia à escola o papel de iniciação à infância, tanto em seus valores ideológicos, quanto técnico. É nesse período que surge a

necessidade da criação de uma produção literária voltada pra um público específico, em especial o público infantil. Segundo as autoras citadas anteriormente, as últimas décadas do século passado foram caracterizadas pela consolidação da literatura brasileira, mesmo com um sistema editorial precário, autores e textos brasileiros passaram a ser lidos por uma elite privilegiada, assinantes dos jornais. Esse público consumidor de bens culturais, que se forma nas diferentes classes sociais, vê no contato com o livro e a literatura uma forma de escolarização e cultura que almeja apresentar perante a sociedade. Esses mesmos grupos reivindicam uma série de novas necessidades, entre elas o surgimento de uma literatura voltada para as crianças.

A saída dos escritores, jornalistas e professores, que viam a carência de material adequado, para atender as reivindicações feitas por essas classes nesse clima de valorização da instrução e a escola, foi o investimento no setor infantil e escolar, através da produção de livros infantis direcionados ao corpo discente das escolas. Os apelos nacionalistas e pedagógicos de acordo com Lajolo & Zilberman (2007), para se investir no surgimento de livros infantis brasileiros se fizeram ouvir, em um cenário marcado fortemente por obras estrangeiras, proliferaram-se traduções e adaptações de obras infantis.

Obras como Robison Crusoe (1719), Contos Seletos das Mil e uma Noites (1882), Viagens de Gulliver (1888) Dom Quichote de La Mancha (1901), só passaram a circular no Brasil após apelos nacionalistas e graças à perspectiva didática da literatura infantil, tradução dessas, realizadas por Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel.

Os primeiros contatos do público brasileiro infantil com a literatura da mesma faixa etária dá-se apenas na última década do século XIX, através da leitura de contos europeus traduzidos, pelo livreiro-editor Pedro da Silva Quaresma, na Coleção Biblioteca infantil da Livraria do Povo, nos livros *Histórias da Avózinhas* (1896) *Contos da Carochinha* (1894) editadas por Figueiredo Pimentel.

Merecem destaque obras de Olavo Bilac e Coelho Neto em 1904, Júlia Lopes de Almeida *Histórias da Nossa Terra* (1907), a narrativa longa *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bonfim.

A preocupação com uma expressão literária que caracterizasse o país foi sendo levada em conta, e traduções e adaptações de textos clássicos europeus, que circulavam através de edições portuguesas, com um português que se distanciava do português brasileiro, não sendo, muitas vezes possíveis sua leitura pelo público infantil, foi sendo adaptada por tradutores.

Com os clássicos europeus sendo transplantados para a literatura brasileira, houve o abasileiramento das obras através da inserção de aspectos da cultura-alvo (brasileira), principalmente na literatura infantil, na qual personagens de contos de fadas populares são inseridos no contexto brasileiro, como temas atuais à época. Um exemplo clássico da literatura mundial adaptado por Monteiro Lobato está a obra *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) do escritor inglês Lewis Carroll, a obra foi adaptada pelo autor em 1972.

1.1 LITERATURA INFANTIL: CONCEITUAÇÃO E PROBLEMAS NA TRADUÇÃO

Diante das discussões a respeito da literatura infantil, há um tópico relevante e complexo dentro da área: o da definição terminológica desse objeto de estudo, do que viria a ser a literatura infantil e a quem seria dirigida, dada a multiplicidade de definição do termo literatura infantil.

No artigo “*Translation of Children's Literature*”, Queiroga e Fernandes (2016) explicam que esse problema de definição terminológica, principalmente no Brasil, está relacionado à multiplicidade da nomenclatura, e sua fragmentação: “infanto-juvenil”, “infantojuvenil”, “infantil e juvenil”, “infantil”, “juvenil” são os termos utilizados. Enquanto que em inglês o termo “*Children's Literature*”, está relacionado à literatura escrita e/ou direcionada a leitores crianças e jovens, e justificam que essa falta de correspondência entre as duas línguas está relacionada a fatores históricos e culturais.

Ainda para os autores o termo “juvenil” atrelado à definição muitas vezes de literatura infantil, contribui ainda mais para essa dificuldade na definição de literatura infantil, já que a definição de “infantil” e “juvenil” variam ao longo do tempo, e não se existe parâmetro para definir onde começa a infância e a juventude acaba. Atrelado a essa dificuldade, está o termo “literatura”, No artigo “*Translating for Children*”, de Eithne O’Connell, presente no volume *The Translation of Children's Literature. A Reader*, editado por Gillian Lathey, a autora mostra a dificuldade em se definir o que seria a literatura específica para crianças, dada a multiplicidade dos termos “literatura” e “criança”:

Uma das principais dificuldades na definição do que se entende por “literatura infantil” está no enorme escopo exclusivo e a natureza pontencialmente vaga do campo semântico abrangido pelos seguintes conceitos no uso dos pronomes “infantil” e “literatura”. Alguns críticos como Knowles e Malmkjaer (1996, p.2) oferecem uma definição muito ampla e pragmática que parece esquivar-se das

questões mais difíceis. “Para nós literatura infantil é qualquer narrativa escrita ou publicada para crianças e incluímos os romances “adolescentes” direcionados aos “jovens adultos” ou leitores “adolescentes tardios”. (O’CONNEL, 2003, p. 16) (tradução nossa)

O’Connel exemplifica através da definição ampla de Rita Oittinen sobre literatura infantil, o conceito de criança atribuído social e culturalmente, definindo a literatura infantil como uma literatura que é lida de forma silenciosa ou alta para as crianças:

There is little consensus on the definition of child, childhood, and children’s literature. The definition ... is always a question of point of view and situation: childhood can be considered a social or cultural issue; it can be seen from the child’s or adult’s angle... I see children’s literature as literature read silently by children and aloud to children. (OITTINEN apud O’CONNEL, 2006, p. 16)

Todas essas definições de literatura infantil se refletem na forma como esse gênero é traduzido.

Os fatores que governam o processo de tradução de literatura infantil vão desde a escolha de itens lexicais, até questão mais complexas como a questão cultural. Um desafio complexo para o tradutor, entre produzir uma tradução literal ou livre, ao optar por uma tradução ou outra o tradutor toma o risco, essa liberdade em muitos casos, para os tradutores, é o que irá resultar no produtor final, seja uma tradução literal ou adaptação.

Segundo CERRILO (2005) em seu artigo “Lo literario y lo infantil: concepto y caracterización de la literatura infantil” publicado no volume *Questões de Literatura para Jovens*, o autor mostra que fatores sociais e culturais predominam em ambos textos, tanto no original como na tradução:

A literatura infantojuvenil não é nenhuma segregação da literatura, as características que podem ser próprias dela podem ser somadas ao conjunto da literatura; qualquer estudo de literatura comparada entre obras infantis e obras para adultos nos oferecem alguns dados de interesse, como que, em uma literatura e em outra, podem encontrar estrutura organizativas e procedimentos estilísticos similares; o que em ambas literaturas freqüentemente se refletem as correntes sociais e culturais, que em cada momento predominam. (CERRILO, 2005, p.19)(tradução nossa).²

²La LIJ no es una segregación de la literatura; las características que pueden ser propias de ella no son ajenas al conjunto de la literatura; cualquier estudio de literatura comparada entre obras infantiles y obras para adultos nos ofrece algunos datos de interés, como que, en una y en otra literatura, podemos encontrar estructuras

Fatores culturais, constituem um dos principais problemas de tradução para os tradutores, pois existe nesse processo duas línguas em jogo, duas tradições literárias, e conseqüentemente duas culturas. Nesse processo os tradutores usam de estratégias para traduzir tais questões. Tais estratégias e questões serão tratadas mais profundamente no capítulo 3.

2. MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL

José Bento Monteiro Lobato, ou como a maioria dos brasileiros conhecem, Monteiro Lobato, o autor que morreu em 1948, é considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Suas obras para crianças iniciam um marco na literatura infantil brasileira e são lidas e estudadas até os dias atuais.

Para se entender a importância atribuída a Monteiro Lobato como precursor da literatura infantil no país, é preciso entender o contexto no qual o autor se situava e pelo qual o país passara, no âmbito social, político e cultural.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil enfrenta um período de transição de governo e regime político, passando do regime monarquista para o regime republicano. Entre 1890 e 1920. Com o desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana, e luta de classes, surge um novo público consumidor de bens, principalmente culturais começa assim o contato com o livro e a literatura. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.25). Fatores educacionais influenciaram a produção de uma literatura nacional voltada para o público infantil, que assim como na Europa, viam o livro como recurso pedagógico na formação social das crianças, como cita Lajolo e Zilberman:

Além de o modelo econômico deste Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, é preciso não esquecer a grande importância — para a literatura infantil — que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.26)

Desta forma, fica visível o papel da escola e sua valorização enquanto formadora de cidadão, através do processo de leitura. Concomitante a essa valorização da instituição surge a preocupação com material adequado de leitura para as crianças, segundo Lajolo e Zilberman (2007) “A justificativa para tantos apelos nacionalistas e pedagógicos, estimulando o surgimento de livros infantis brasileiros, era o panorama fortemente marcado por obras estrangeiras.” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.27).

É nesse cenário marcado pelo sentimento patriótico de fazer emergir uma literatura nacional, que Monteiro Lobato nos anos de 1910 publica muitos de seus contos célebres,

reunidos em *Urupês*, seu primeiro livro, pelo qual Lobato alcançou sucesso entre os leitores e a crítica, abrindo margens para o Lobato editor e empreendedor, com suas várias empresas de edição de livros.

A atividade editorial de Monteiro Lobato destaca-se pela sua qualidade, como afirma Martinez(2000):

“À frente dessa empresa introduziu inovações no trabalho editorial, como mais cuidados gráficos, ilustrações, capas artísticas, vendas pelo reembolso postal e publicidade, dando ao livro um caráter mercadológico inteiramente novo no Brasil”(MARTINEZ, 2000, p.12, apud DUARTE, 2013, p.13):

Lobato preocupava-se com a apresentação gráfica dos livros, assim, escritor foi responsável por significativas mudanças na manufatura dos livros, através do investimento em capas ilustradas que atraíssem o público leitor.

Esse período do Lobato editor se estende de 1918, ano em que Lobato compra a *Revista do Brasil*, publicada por um grupo ligado ao *Estadão*, até o ano de 1945, quando funda a *Editores Brasiliense*. A partir daí o lado empreendedor e editor dão lugar ao Lobato escritor.

2.1 O TRADUTOR

Monteiro Lobato é mais conhecido por muitos brasileiros como escritor, e para muitos, escritor de literatura infantil. O escritor que se tornou popularmente conhecido pela obra *Sítio do Picapau Amarelo*, escrita entre os anos de 1920 e 1947, era dono de habilidades pouco conhecidas por parte dos brasileiros. Porém, Lobato destacava-se não só como escritor de literatura infantil, o autor que também era contista, editor, jornalista, fazendeiro, advogado, empresário, vai se destacar por uma faceta pela qual é pouco conhecido, mas que contribuiu para a criação de uma literatura infantil nacional: a face do Lobato tradutor.

Lobato com sua visão nacionalista, procurou legitimar seu projeto de um país moderno, com a inserção de obras européias, traduzindo-as e adaptando-as ao contexto brasileiro. Para o escritor, o Brasil deveria ser um país mais moderno, capaz de criar uma literatura infantil, tal qual a européia, e não apenas reproduzi-las. O autor acreditava que a

literatura nacional necessitava de modificações, a crítica de Lobato às obras que circulavam no país é perceptível em muitas das falas de seus personagens, como no trecho a seguir:

- Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos que botar fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta ideia – fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias, para virem aqui combinar conosco outras aventuras (LOBATO, 2007b, p.52).

Através da fala do personagem, é perceptível a intenção do autor não de substituir a literatura nacional, mas a de incorporar a literatura estrangeira à nacional, fortalecendo-a. A exemplo do livro *O Sítio do Picapau Amarelo*, no qual personagens de outras culturas são recebidos por personagens criados por Lobato, ou como no exemplo acima citado, no qual o personagem Polegar, criado pelo escritor francês Charles Perrault, são inseridos no livro de Lobato *As reinações de Narizinho* (1931). Desta forma, Monteiro Lobato inicia e aproxima as crianças do folclore brasileiro.

Lobato é responsável pela entrada de grandes nomes da literatura mundial no contexto brasileiro, através das suas traduções e adaptações, de obras que fazem parte do cânone mundial, sobretudo do inglês, a qual trabalhava como língua de partida, e também do francês.

Para Lobato, as traduções deveriam ser fluentes e simples. Com esse conceito, o autor tentava envolver o leitor nas obras, com uma linguagem sem rebuscamento e natural, tornando assim, seu acesso mais fácil, como explica em carta ao amigo Godofredo Rangel: “traduzas em linguagem bem singela [...] Estilo água do pote, heim? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes” (LOBATO, 1955c, p. 275). A exemplo de sua adaptação *Alice no País das Aventuras* (1972), na qual o autor com um uso mais simples, fluente e brasileiro da linguagem, tenta aproximar o leitor da obra.

Essa aproximação do texto com o leitor nas obras de Monteiro Lobato tem a ver com o seu projeto de escrita. O autor via a criança como um ser capaz, de participação ativa e criativa. Era também como uma espécie de projeto ideológico e político do autor, como afirma Sandroni (1987):

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento sobre inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. [...] Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre

realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (SANDRONI 1987, p. 53)

Ou seja, a idéia do autor de formação de leitores dentro do próprio âmbito. Essa aproximação do leitor com a obra também poderia se dar para o autor, através da domesticação do texto de partida. Para Lawrence Venuti (2002) “a tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro, mas a imitação é moldada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente.” (VENUTI, 2002, p.120), ou seja, a domesticação visa a facilitação da leitura, com a eliminação de elementos que possam dificultar o entendimento do texto, através da redução de características estrangeiras do texto de partida sem prejuízo aos valores culturais da língua-alvo. Como falou Lobato em uma correspondência a Godofredo Rangel, escritor mineiro: “Vai traduzindo [...] em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma – só em matéria de fundo” (LOBATO, 1955c, p. 232). A respeito ainda do papel de traduzir Lobato (1959) explica:

A tradução literal, isto é de absoluta fidelidade à forma literária em que, dentro de sua língua, o autor expressou seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua de tradutor, dentro da sua forma literária de tradutor; só assim estará traduzindo o que realmente importa: a ideia, o pensamento do autor. Quem procura traduzir a forma do autor não faz tradução – faz uma horrível coisa chamada transliteração, e torna-se ininteligível (...).(LOBATO, 1959, v 2, p. 147).

O autor vê o processo de tradução como um ato de reconhecimento do texto, para então recontá-lo, sem rebuscamentos, numa linguagem mais acessível, na língua de chegada, com liberdade, adequando a tradução aos objetivos e público ao qual quer atingir.

Na obra que será analisada neste trabalho, o público que Lobato almejava atingir, era o público infantil, assim, o autor via a necessidade da aproximação da linguagem brasileira nas obras infantis, visto que a maioria das obras que no país chegavam, eram traduzidas no português de Portugal, dificultando a leitura das crianças.

Para solucionar esse problema da dificuldade de compreensão das obras que chegavam no Brasil, o autor adota estratégias de tradução na obra *Alice no País das Maravilhas*, através da tradução e adaptação de itens culturais. Neste trabalho será analisada a forma como Lobato

traduz as questões culturais da cultura-fonte, no caso a cultura inglesa, conferindo a obra uma linguagem fluente e simples, tornando-a mais acessível aos leitores infantis.

As soluções encontradas por Monteiro Lobato para se traduzir a obra estão relacionadas à concepção de infância atribuída por Lobato, que enxerga a criança em um diálogo constante com o grupo social e o tempo a que pertence, a criança em suas obras lida com temas como a guerra, ciência, modernização do Brasil, literatura e cultura popular entre outros, e também a seu projeto pedagógico de uma melhor difusão da leitura na formação de leitores.

Da mesma forma que Lobato, o autor inglês Lewis Carroll, também fazia uso da linguagem para atrair as crianças, em uma espécie de desafio, através de seus jogos de palavras, na qual as crianças adentravam em um mundo fantástico, e muitas vezes sem sentido, ou como é chamado *nonsense*, tais características do autor serão abordadas a seguir.

2.2 ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND: AUTOR E CONTEXTO

Charles Lutwidge Dogson, verdadeiro nome de Lewis Carrol, nasceu em 27 de janeiro de 1832 em Daresbury na Inglaterra, e faleceu em 14 de janeiro de 1898. Grande romacista, matemático, poeta, professor, tornou mundialmente conhecido por sua obra, *Alice's Adventures in Wonderland* (1865).

Carrol passou sua infância no local no qual nasceu, na zona rural da localidade de Daresbury, começou desde cedo a se interessar pelos estudos, e a leitura contribuiu para o desenvolvimento do seu raciocínio crítico, seu principal incentivador era o pai, o qual ensinava aos filhos em casa, e ministrava aulas particulares para outras crianças, serviço pelo qual recebia pagamento, o que ajudava no mantimento das despesas da casa.

A família de Carroll vivia de acordo com os princípios da religião e moral da época, como aponta o estudioso Thomas:

Eles eram uma família sociável e genial. Mesmo as restrições de suas instruções religiosas tinham um senso de prazer intelectual, quando os pais de Dodgson complementavam a leitura de textos sagrados comprando para seus filhos um quebra-cabeça da "vida de Cristo". (THOMAS, 1996, p. 29) (tradução nossa).³

³They were a genial and sociable family. Even the stricness of their religious instructions, was tempered by a sense of intellectual enjoyment, when the Dodgson parents suplemented reading of sacred texts by buying their childreana a jigsaw puzzle of "Life of Christ". (THOMAS, 1996, p. 29).

A forma de utilizar jogos didáticos na educação dos filhos, até mesmo com temas religiosos, influenciou o caráter e vida profissional, como professor de Lewis Carroll.

Com apenas 12 anos Charles foi estudar como interno em escolas como *Richmond School* e *Christ Church College*, nas quais destacava-se pelo bom desempenho das atividades escolares, e pela escrita de poemas e textos, foi nesse ambiente acadêmico que o escritor também começou a publicar seus textos.

Desde sua infância, Carroll destacava-se pelo seu bom domínio na matemática, conhecimento esse que levou para vida acadêmica, enquanto professor. Tal conhecimento rendeu ao autor muitos prêmios. Como destaca Thomas (1996) “o jovem Dodgson beneficiado pelo ... legado de Arnold no encorajamento no ensino da matemática.”(tradução nossa)(THOMAS, 1996, p, 55).⁴

Esse conhecimento que adquirira na infância, reflete-se nas suas obras, uma das características mais conhecidas do autor em suas narrativas, trata-se do uso da matemática e dos números.

Seu envolvimento com a matemática torna-se visível nas suas obras através do uso de jogos de palavras, as quais recheiam suas obras, como mostra a biógrafa Jenny Woolf:

Seus quebra-cabeças sem sentido sempre envolveram a matemática. “*Puzzles from Wonderland*” apareceu em 1870 em *Aunt Judy’s*, uma revista infantil, e oferecia enigmas dentro de rimas. Algumas são muito fáceis e tem algo em comum com jogos de palavras ou pista, ou mesmo com piadas Vitorianas, como:
 Dreaming of apples on a wall.
 And dreaming often, dear
 I dreamed that, If I counted all
 How many would appear?
 The answer, of course, is ten, since he dreams ‘of/ten.’ (WOOLF, 2010, p. 56)
 (tradução nossa).⁵

O autor durante sua carreira chegou a publicar outros conjuntos de textos que sempre envolviam um problema matemático, é o caso de *A Tangle Tale* publicado entre 1880 e 1884.

⁴“The young dodgson benefited from... Arnold’s legacy of encouraging the teaching of mathematics” (THOMAS, 1996, p, 55)

⁵His puzzles by no means always involved mathematics. ‘Puzzles from wonderland’ appeared in 1870 in *Aunt Judy’s*, a children’s magazine, and it offers riddles set within rhymes. Some are very easy and have something in common with crossword puzzle clues, or even Victorian cracker jokes, such as: Dreaming of apples on a wall. And dreaming often, dear I dreamed that, If I counted all How many would appear? The answer, of course, is ten, since he dreams ‘of/ten.’ (WOOLF, 2010, p. 56)

Outros autores, como Monteiro Lobato, escreveram romances matemáticos. No livro intitulado *Aritmética da Emilia* (1935), a boneca de pano Emilia, aprende matemática no pomar do sítio, brincando com os outros personagens, como no trecho retirado do livro:

Imediatamente o cobertor que servia de cortina abriu-se e um grupo de artistas da Aritmética penetrou no recinto. — São os ALGARISMOS! — berrou Emília, batendo palmas e já de pé no seu tijolo, ao ver entrar na frente o 1, e atrás dele o 2, o 3, o 4, o 5, o 6, o 7, o 8, o 9. Bravos! Bravos! Viva a macacada numérica! Os Algarismos entraram vestidinhos de roupas de acrobata e perfilaram-se em ordem, com um gracioso cumprimento dirigido ao respeitável público. O Visconde então explicou: — Estes senhores são os célebres ALGARISMOS ARÁBICOS, com certeza inventados pelos tais árabes que andam montados em camelos, com um capuz branco na cabeça. A especialidade deles é serem grandes malabaristas. Pintam o sete uns com os outros, combinam-se de todos os jeitos formando NÚMEROS, e são essas combinações que constituem a ARITMÉTICA. — Que graça! — exclamou a Emília. — Quer dizer então que a tal Aritmética não passa de reinações dos Algarismos? — Exatamente! — confirmou o Visconde. — Mas os homens não dizem assim. Dizem que a Aritmética é um dos gomos duma grande laranja azeda de nome Matemática. Os outros gomos chamam-se Álgebra, Geometria, Astronomia. Olhem como os Algarismos são bonitinhos. O que entrou na frente, o puxa-fila, é justamente o pai de todos — o Senhor 1. (LOBATO, 2003, p.9)

Ambos autores compartilhavam da ideia de que a educação é que transforma os indivíduos, e viam a leitura como desenvolvedora do raciocínio e formadora de críticos.

Carroll não apenas utilizava o raciocínio lógico-matemático, muitas vezes confuso, para mexer com o imaginário do leitor, o autor também utilizava da sua criatividade nas obras, entre as quais a obra *Alice no País das Maravilhas*, para criticar o moralismo rígido da época e a forma como a criança é vista e tratada na sociedade Vitoriana.

A obra *Alice no País das Maravilhas* exemplifica bem o contexto referido acima pela qual a sociedade inglesa e as crianças dessa época passara, tanto nos aspectos econômicos como culturais, sociais, religiosos e educacionais.

O contexto no qual o autor escreve a obra é marcado por mudanças profundas e contrastantes, em diferentes níveis. Nesse contexto acontecem avanços tecnológicos, científicos, surgimento de correntes filosóficas como o evolucionismo e o positivismo, e a Revolução Industrial e seus contrastes, com a Inglaterra sendo reconhecida mundialmente com seu poderio, e os trabalhadores, tanto adultos como crianças subordinados aos padrões das grandes fábricas.

Com essas mudanças acontecendo, o que comandava a sociedade era um rígido código moral imposto pela Rainha Vitória, com uma moralidade rígida e puritana, pilares da sociedade.

(...) o comportamento e o estilo de vida da rainha Vitória viriam a influenciar a sociedade fazendo com que a era vitoriana se tornasse sinônimo de pontualidade, sobriedade e sofisticação, até hoje características associadas ao povo inglês. (SILVA, 2006, p. 224).

Uma sociedade pautada pela rigidez de conduta, princípios cristãos e rejeição a sexualidade, que se refletiam até nos livros.

Quando precisavam de conselhos, recorriam à literatura; quando queriam distrair-se, recorriam à literatura; quando queriam até mesmo reforçar seu dogmatismo peculiar, também recorriam à literatura. Não há como pensar a Era Vitoriana sem a associarmos aos seus grandes escritos e escritores, sem vincularmos a esse período uma literatura de tão extremado valor estético e social (MORAIS, 2004, p.36).

Nos livros essa moralidade imposta pela rainha era quase obrigatória, principalmente em livros infantis, nos quais toda história deveria haver uma moral. Os livros infantis eram produzidos não apenas com a função de entreter, mas com uma função pedagógica e moralizante. Os autores que não escreviam narrativas faziam críticas às hipocrisias vitorianas, mas com uma ironia refinada.

Lewis Carroll, fugindo das narrativas tradicionais, usava da sua criatividade, utilizando o *nonsense* em sua obra, para criticar a condição do indivíduo na sociedade vitoriana, presos ao rígido moralismo e convenções sociais.

Livros para crianças existiram por séculos antes de Charles aparecer. Ele não inventou o gênero. Mas fez algo significativo. Quebrou com as tradições... O livro Alice passa por cima da tradição, a destrói, e dá à criança Vitoriana algo mais iluminado e brilhante. Sobre tudo, esse livro não tem moral. (COHEN, 1996, p. 141,142)(tradução nossa)⁶

⁶“Children’s books had existed for centuries before Charles came along. He did not invented the genre. But he did something significant. He broke with tradition. ... The Alice books fly in the face of the tradition, destroy it, and give the Victorian child something lighter and brighter. Above all, these books have no moral.” (COHEN, 1996, p.141,142)

O autor era considerado em seu tempo, autor de textos para entretenimento, mas o que não significa que seus textos não tivessem moral.

Um olhar mais apurado e analítico, é possível perceber, em obras com Alice no País das Maravilhas, que o autor aborda o contexto da criança, com a fuga da realidade através de um mundo mágico, usando o *nonsense* como veículo para escapar da rígida moral vitoriana, ainda que por meio da fantasia.

Diferentemente dos outros escritores, que preocupavam-se acima de tudo com a educação e moral, a exemplo de Charles Dickens, que usavam a literatura direcionada ao público adulto, para assim criticar as condições da criança na sociedade vitoriana, mas com um moralismo aparente. Carroll dirige-se ao público infantil, no contexto da criança, e vai além das outras literaturas da época, a obra que agradou tanto ao público quanto a crítica, serviu para mostrar a sociedade vitoriana que havia entre crianças e adultos necessidades diferentes, tanto literárias quanto sociais.

2.3 TRADUÇÃO DE ITENS CULTURAIS ESPECÍFICOS

Ao ser traduzida, uma obra passa a existir em outro sistema, com ideologia, história, política, com fatores socioeconômicos, e principalmente culturais diferentes do contexto no qual a obra original foi escrita, como no caso da tradução, por Lobato, da obra Alice no País das Maravilhas. Segundo Vanderauwera (1985, p.5), as obras literárias são formadas sempre por “um texto e um contexto”. Por isso, o contexto torna-se importante na compreensão do modo como cada obra traduzida foi elaborada.

Como afirma Lefevre [...] textos não são [...] descontextualizados: são produzidos (e reproduzidos) dentro de uma dada literatura, com seus próprios gêneros e estilos, que, por sua vez, está inserida em uma determinada cultura. (LEFEVERE, 1992 pg, 13). As diferentes traduções de um mesmo texto diferem entre si, o que implica afirmar que a literatura é “[...] um sistema dinâmico e complexo dentro do qual há uma mudança constante de valores das várias obras e gêneros”. (MILTON, 1993, p, 147). As traduções acompanham esse mesmo dinamismo dentro de um sistema literário próprio. É diante desse cenário que entra em cena a teoria dos polissistemas.

Como já mencionado anteriormente no capítulo 1, a teoria dos polissistemas e sua abordagem sobre a literatura traduzida abre caminhos para o estudo da tradução, enquanto segundo Robinson (1997) “atividade social e cultural.”, não apenas um trabalho linguístico,

envolvendo textos. A teoria inicialmente desenvolvida pelo estudioso israelense Even-zohar nos anos de 1970, na Universidade de TelAviv, foi posteriormente continuada por Gideon Toury, ambos da mesma escola, mas com Toury a maior parte do foco é concentrada no pólo de chegada. Even-Zohar em seu artigo, *The position of translated literature within the literary polysystem*, afirma que a literatura traduzida faz parte de um sistema literário, que por sua vez está inserido em outro sistema, o cultural, que faz parte de outros sistemas. Ainda segundo o pesquisador, “[...] a tradução não é mais um fenômeno cuja natureza e fronteiras são delimitadas de uma única vez, mas é uma atividade dependente das relações dentro de um (poli-)sistema cultural” (EVEN ZOHAR, 2000, pg, 197). Desta forma destaca-se a importância da cultura no ato tradutório.

Destaca-se ainda a proposta de Toury (1995) em relação à cultura no ato tradutório. Para o pesquisador, o texto de partida ocupa certa posição no polissistema cultural a qual pertence, ao ser traduzido para outra língua, passa a ser representado em outra cultura, considera-se assim, também importante o sistema de chegada.

Para Toury (1999, pg, 16) a tradução é uma forma de se introduzir em uma determinada cultura, é uma outra versão de um texto já existente em um outro polissistema cultural. Mas para que haja essa inserção em um determinado polissistema cultural, as traduções segundo o autor, retêm aspectos do texto de partida, mas são ajustadas conforme os requerimentos do sistema de chegada. O que implica afirmar que as traduções são realizadas de acordo com seus objetivos na cultura de chegada.

Para a realização deste trabalho conceitos como o de Toury, sobre o estudo de textos traduzidos, são introduzidos. O teórico afirma que esses textos traduzidos não podem ser estudados sem serem levados em conta o seu contexto. Nesse sentido afirma que:

[...] a posição e a função das traduções (como entidades) e da tradução (como atividade) em uma determinada cultura de chegada, a forma que a tradução poderia ter (e, portanto, seu relacionamento com o texto de partida) e as estratégias usadas durante sua produção não são fatos desconectados.(TOURY, 1995:24).

Assim, as relações são estabelecidas no ato tradutório de toda e qualquer tradução.

Para Aixelá (1996, pg, 186), estudioso que se dedica a estudar a tradução de itens culturais, a mistura de culturas dos textos de partida e de chegada no ato tradutório, implica em um equilíbrio instável de poder, que dependerá do peso relativo da cultura fonte e da forma

como ela é sentida na cultura alvo. Para o estudioso a forma como essa tradução é elaborada, é tomada com base em decisões sobre como a tradução será feita na cultura alvo.

Cada comunidade linguística ou comunidade linguística-nacional tem à sua disposição uma série de hábitos, julgamento de valores, sistemas de classificação, entre outros, que são às vezes muito diferentes e às vezes parecidos. Dessa forma, as culturas criam um fator de variabilidade que o tradutor terá que levar em conta. (AIXELÁ, 1996, p.186)

Podemos, então, afirmar que o papel da tradução é determinado por operações, como a cultura e a literatura, que governam esse sistema.

Ainda para Aixelá (ibid.), a assimetria existente entre as duas comunidades linguísticas são refletidas nos discursos de seus membros. Diante destas diferenças, a tradução é vista como procedimento ou fonte, na qual o tradutor opta ou pela naturalização ou reprodução dos signos linguísticos. O grau de tolerância de cada cultura é o que norteará a tradução bem como a escolha entre as duas estratégias.

Conforme Aixelá (ibid.), caso a cultura receptora seja adepta à diferença ou a aceitação dos aspectos culturais do texto de origem, a estratégia utilizada será a da conservação desses sinais culturais, preservando-se assim traços culturais da cultura de origem, caso contrário, a estratégia utilizada será a naturalização, transformando os aspectos culturais da cultura de origem em uma réplica da cultura de destino.

A partir desses princípios, o autor passa a definir os itens culturais específicos, primeiramente explicando o senso comum em relação aos itens culturais específicos:

Os itens culturais-específicos são geralmente expressados em um texto por meio de objetos e sistemas de classificação e medida, cujos usos estão restritos à cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente desconhecidos pela cultura alvo. (AIXELÁ, 1996, p, 56)

Para Aixelá, o problema em se estudar os aspectos gerais da tradução está, em como conceber uma ferramenta adequada para as análises. Essa dificuldade se dá ao fato de que em uma língua tudo é produzido culturalmente, inclusive a própria língua. O autor explica que é comum identificar os itens culturais específicos com áreas mais arbitrárias de cada sistema linguístico - instituições locais, ruas, figuras históricas, nomes de lugares, nomes próprios etc.

– que geralmente apresentam dificuldade à tradução. Segundo o teórico o problema de tradução pode ser explicado por uma lacuna intercultural, o que força o tradutor a expandir suas perspectivas. (AIXELÁ, 1996).

Ao se falar em referências culturais, qualquer definição é evitada, e seu significado é atribuído a uma intuição coletiva. Para o estudioso, isso pode acarretar em uma armadilha dupla: uma arbitrariedade excessiva, e o mais importante segundo o autor, o caráter estático, aliado à ideia de imobilidade dos itens culturais específicos, independente das duas culturas ou da função do texto. A dinamicidade dos itens culturais específicos é algo notório nos Estudos da Tradução, paralelo à idéia de que dois itens não conservam a mesma relação ao longo do tempo.

Para Aixelá (1996, p.57) na tradução, um item cultural específico não existe por si só, mas como o resultado de um embate resultante de qualquer referência lingüisticamente representada em um texto fonte que, ao ser transferido para a língua alvo, resulta em um problema de tradução em decorrência da inexistência ou do valor diferente do item na cultura da língua de chegada.

Para os estudos dos itens culturais específicos, Aixelá (1996, p.59) sugere uma divisão de duas categorias básicas: nomes próprios e expressões comuns (este último que inclui objetos, instituições, hábitos e opiniões restringidos a cada cultura e que não podem ser incluídos na categoria de nomes próprios). O teórico ainda aponta para o consenso de tradução de nomes próprios, os quais parecem apresentar uma tradução pré-estabelecida.

Acompanhando o pensamento do teórico T.Hermans, Aixelá (1996, p.195) explica que os nomes próprios podem ser divididos em duas categorias: convencionais e carregados. Os convencionais são aqueles nomes próprios que não possuem significado próprio, os quais segundo o autor, há uma tendência de serem repetidos, transcritos ou transliterá-los, exceto quando a tradução é baseada em uma pré-estabelecida em tradição, já os nomes carregados são aqueles que podem variar de nomes e apelidos vagamente sugestivos a notoriamente “expressivos”, incluindo nomes ficcionais e não-ficcionais.

Por razão de buscar uma eficiência metodológica, Aixelá (1996) acredita ser conveniente agrupar todas as estratégias possíveis aplicadas aos itens culturais específicos, ordenando-as segundo o grau de manipulação cultural, porém o autor reconhece que não objetiva fazer uma descrição objetiva, e sim ao uso metodológico. Desta maneira, classifica as estratégias de tradução em uma escala do menor para o maior grau de manipulação intercultural, propondo uma divisão em dois grupos principais, separados pela natureza de (a) conservação ou de (b) substituição. Divididos conforme a seguir:

(a) Conservação	(a.1) Repetição
	(a.2) Adaptação ortográfica
	(a.3) Tradução linguística
	(a.4) Glosa extratextual
	(a.5) Glosa intratextual

(b) substituição	(b.1) Sinonímia
	(b.2) Universalização limitada
	(b.3) Universalização absoluta
	(b.4) Naturalização
	(b.5) Exclusão
	(b.6) Criação autônoma

A seguir, as definições das estratégias segundo Aixelá.

1. Conservação

1.1 Repetição

O máximo possível da referência original é mantida. É o caso do tratamento dado a maioria dos topônimos. Para o autor, apesar de paradoxal, essa estratégia “respeitosa” envolve um aumento no caráter exótico ou arcaico do item cultural específico, o leitor da língua alvo sente mais estranhamente essa estratégia, devido sua forma linguística e distância cultural.

1.2 Adaptação Ortográfica

Esta estratégia compreende o procedimento de transliteração, geralmente usado quando a referência original é expressada em um alfabeto diferente ao usado pelos leitores da cultura de chegada.

1.3 Tradução Linguística (não cultural)

Nessa estratégia, parte-se do suporte de traduções pré-estabelecidas na língua-alvo ou da transparência do item cultural específico, o autor escolhe uma referência muito próxima daquela do texto-fonte, aumentando sua compreensão ao oferecer ao público da língua de chegada uma versão que facilmente seja reconhecida como da cultura-fonte.

1.4 Glosa extratextual

O tradutor usa um dos procedimentos acima, mas julga necessário oferecer alguma explicação do significado, uma informação extra. Porém, acredita não ser adequado incluir tal explicação no texto, para isso faz uso de notas de rodapé, glossário, comentário entre parêntese, itálico.

1.5 Glosa Intratextual

Semelhante a estratégia anterior, o autor inclui o comentário como parte integrante do texto, em geral, de forma a não atrapalhar a leitura. Esse procedimento oferece uma variação geralmente causada pela ambigüidade.

2. Substituição

2.1 Sinonímia

Esta estratégia baseia-se, geralmente, nos níveis estilísticos. O tradutor recorre a sinônimos ou referência paralela para evitar a repetição do item cultural específico.

2.2 Universalização Limitada

Em princípio, o tradutor acredita que o item cultural específico é muito obscuro para o leitor. Desta forma, ele substitui por outro da cultura-fonte, menos específico, mas que seja mais próximo do leitor.

2.3 Universalização Absoluta

Semelhante a estratégia anterior, porém, o tradutor não encontra um item cultural específico mais próximo, ou prefere apagar qualquer conotação estrangeira, optando por uma referência neutra.

2.4 Naturalização

O tradutor decide trazer o item cultural específico para o texto de chegada visto como específico pela cultura da língua alvo.

2.5 Exclusão

O item cultural específico nesse caso é considerado inaceitável nos níveis ideológicos ou estilístico, ou apenas não acredita ser relevante para o leitor. Ou ainda, é muito obscuro, e

não querem usar nem mesmo uma glosa, notas explicativas. Opta-se assim, por excluir o item cultural específico.

2.6 Criação Autônoma

Estratégia muito pouco usada pelo tradutor. O tradutor decide que pode ser interessante acrescentar uma referência cultural que não há no texto fonte para os leitores.

O autor conclui a descrição da classificação das estratégias de tradução dos itens culturais específicos⁷ afirmando, que há outras estratégias em potencial, como explica a *compensação* (eliminação + criação autônoma em outro ponto do texto, mas com efeito similar), a *deslocação* (deslocamento no texto de uma mesma referência), ou a *atenuação* (a substituição, por motivos ideológicos, de algum termo inaceitável na tradição de escrita do pólo alvo, por outro mais adequado). Segundo Aixelá (1996, p. 64) a atenuação é, entre as outras estratégias mencionadas, a mais promissora, excelente na tradução de gírias ou na literatura infantil.

A partir desses pressupostos em relação a tradução de tais itens, passo a analisar no capítulo posterior as estratégias usadas por Lobato, através de excertos da obra original e da tradução.

⁷Doravante: ICE

3. ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND* E *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* (TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO)

Baseando-se na proposta de classificação de estratégias de tradução de ICE's de Javier Aixelá, selecionamos alguns trechos da obra *Alice's Adventures in Wonderland* e da tradução da mesma obra, realizada por Monteiro Lobato, por se tratarem de trechos considerados essências para se compreender as estratégias de tradução de ICE's usadas por Lobato. Desta forma foram retirados excertos de todos os capítulos de ambas as obras.

Inicialmente apontaremos algumas estratégias de tradução utilizadas por Lobato, em relação aos nomes próprios. Na tradução dos nomes próprios, percebe-se que a estratégia de tradução dos nomes próprios é dividida de acordo com o pensamento de Theo Hermans (1988) compartilhado por Aixelá, que divide os mesmos em duas categorias, nomes próprios convencionais e nomes próprios carregados.

Ambas as categorias são utilizadas na tradução de Lobato. No Excerto 1 a seguir percebe-se que os nomes traduzidos encaixam-se na categoria dos nomes próprios convencionais.

<p>““Why, Mary Ann, what are you doing out here? Run home this moment, and fetch me a34airo f gloves and a fan!” (pg.42)</p>	<p>“—Mariana! Que é que está fazendo aqui? Corra até em casa e traga-me um par de luvas e um leque.” (pg.27)</p>
<p>““Once upon a time there were three little sisters,’ the Dormouse began in a great hurry; ‘and their names were Elsie, Lacie, and Tillie; and they lived at the bottom of a well——”” (pg.105)</p>	<p>“—Era uma vez três irmãzinhas --começou o Rato do Campo – Elza, Lúcia e Tília, as quais viviam no fundo de um poço.” (pg.55)</p>

Excerto 1 – Trecho de *Alice's Adventures in Wonderland*/*Aliceno País das Maravilhas*.

<p>“I’m sure I’m not Ada,” she said, for her hair goes in such long ringlets, and mine doesn’t go in ringlets at all; and I’m sure I can’t be Mabel, for I know all sort of things, and she, oh! She knows such a very little! (Pg.19)</p>	<p>Cléu! Serei a Cléu? Não. Não pode ser. A Cléu tem cabelos crespos e os meus são lisos. Também não posso ser a Zuleica, porque Zuleica é muito burrinha e não me sinto tal. (Pg. 14)</p>
--	---

Excerto 2 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

O autor provavelmente opta por tal estratégia na tentativa de trazer uma alternativa que fosse mais próxima do leitor no português brasileiro, pois lexicalmente tanto o nome original quanto o traduzido são semelhantes, exceto no Excerto 2. Em todos os casos, segundo a categoria, são nomes vistos como desmotivados, sem significados próprios, ou seja, tratam-se de nomes próprios comuns, sem associações históricas.

Já o excerto 3, a seguir, encaixa-se na categoria de nomes próprios carregados, devido tratarem-se de nomes expressivos, de figuras mundialmente históricas e culturais. Ao optar por essa escolha tradutória Lobato, coloca a criança em um diálogo com o social, no mundo no qual está inserido, seja na imaginação ou mundo da literatura.

<p>“Silence all round, if you please ! ‘William the Conqueror, whose cause was favoured by the pope, was soon submitted to by the English, who wanted leaders, and had been of late much accustomed to usurpation and conquest. Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria—’ ”” (pg.30-31)</p> <p>‘ Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria, declared for him ; and even Stigand, the patriotic archbishop of Canterbury, found it advisable—” (pg.31)</p>	<p>“Todos ficaram imóveis e o sabido Rato principiou: -- Guilherme I, o Conquistador, cuja causa era favorecida pelo papa, foi logo aceito pelos ingleses, os quais careciam de chefes e estavam acostumados a usurpações e conquistas. Edwin e Morcar, Condes de Mercia e Mortúmbia...” (pg.21)</p> <p>“Como ia dizendo, os Condes de Mercia e Nortúmbia se declararam por êle; e o próprio Stigand, o patriótico arcebispo de Cantuária, acompanhou-os nisso.” (pg.22)</p>
---	---

Excerto 3 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Através da análise dos seguintes excertos, percebe-se o uso na tradução da estratégia de Repetição + Glosa Extratextual. No primeiro excerto 4, nota-se que ao optar pela repetição do ICE “Grifo”, Lobato insere o leitor no universo da cultura-fonte, familiarizando-o, mantendo assim o sentido do texto. A opção pela permanência do ICE está também ligada a sua importância para a compreensão do texto. Aliado a esses fatores, está à permanência da glosa na tradução, oferecendo uma explicação ao leitor sobre o ser mitológico, ainda que por meio de imagem, visto que o ICE atribui ao leitor um estranhamento com relação ao texto, pois o tal ser não pertence à cultura nacional.

<p>“They very soon came upon a Gryphon, lying fast asleep in the sun. (If you don’t know what a Gryphon is, look at the picture.) ‘Up, lazy thing!’ said the Queen, ‘and take this young lady to see the Mock Turtle, and to hear his history.[...]’ (pg.138)</p>	<p>“Pouco depois passaram por perto dum Grifo que dormia ao sol (se o leitor não sabe que monstro é este, veja a gravura).” (pg.67)</p>
--	--

Excerto 4 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Nos seguintes excertos as mesmas estratégias de Repetição + Glosa Extratextual permanecem. A repetição no excerto 5 dá-se pela repetição do ICE “*croquet*”, mas diferentemente do primeiro excerto, a glosa encontra-se em forma de rodapé, na qual Lobato explica o significado do ICE, que trata-se de um jogo que se pratica fazendo passar as bolas sob arcos empurrando-as com um maço, e seguindo um trajeto determinado, ou seja o ICE permanece como no texto original, não sendo traduzido.

<p>“The Fish-Footman began by producing from under his arm a great letter, nearly as large as himself, and this he handed over to the other, saying in a solemn tone, “For the Duchess. Na invitation from the Queen to play croquet.” (pg.77-78)</p>	<p>“O criado-peixe tirou de baixo do braço uma enorme carta quase do tamanho ele e entregou-a ao outro, dizendo em tom grave: -- Da parte da Rainha para a Sra. Duquesa. Convite para jogar Croquet.” (pg.42)</p>
--	--

Excerto 5 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Da mesma forma acontece com o excerto 6, a transcrição da língua francesa para a tradução configura tal fragmento como ICE, devido à língua francesa ser estranha ao público leitor da tradução, o que leva o tradutor a fazer o uso da glosa, traduzindo a frase.

<p>So she began again: “Ouest ma chatte?”</p>	<p>Assim, repetiu a pergunta em francês, e, como só sabia uma frase dessa língua, que era a primeira dum livro de leitura, disse: -- Où est machatte?</p>
--	--

Excerto 6 Trecho de Alice’s Adventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Na tradução de Lobato em análise, percebe-se que ao longo do texto várias partes foram omitidas, o excerto 7 encaixa-se na estratégia de Exclusão do ICE. São trechos do livro original que tratam de paródias de Lewis Carroll sobre poemas da época.

A opção pela eliminação de tais paródias envolve a não aceitação ideológica dessas cantigas, atrelado a natureza e expectativas dos leitores, devido as mesmas não se fazerem relevantes para o esforço de compreensão das crianças, dentro do contexto nacional, pois tais paródias tratam-se de poemas moralísticos da época Vitoriana.

<p>“The Hatter shook his head mournfully. ‘Not I!’ he replied. ‘We quarrelled last March—— just before he went mad, you know——’ (pointing with his teaspoon at the March Hare,) ‘——it was at the great concert given by the Queen of Hearts, and I had to sing <i>‘Twinkle, twinkle, little bat! How I wonder what you’re at!’</i> You know the song, perhaps?” “I’ve heard something like it,” said Alice. “It goes on, you know,” the Hatter continued, “in this way:— <i>‘Up above the world you fly, Like a teatray in the sky. Twinkle, twinkle——</i></p>	<p>“O Chapeleiro maneou a cabeça. -- Não! – disse êle. – Briguei com o Tempo no mês de março último, justamente antes de ela ficar maluca – e apontou para a Lebre com a colher de chá. -- Foi isso no grande concêrto dado pela Rainha de Copas. Eu tinha de cantar uma cantiga que com certeza você sabe: <i>O Pequeno Morcêgo</i>. -- Sei qual é.” (pg.54)</p>
--	---

<p>”(Pg.102.103)</p>	
<p>“ Can’t remember what things ?” said the Caterpillar. “Well, I’ve tried to say ‘How doth the little busy bee,’ but it all came different !” Alice replied in a very melancholy voice. “ Repeat ‘You are old, Father William,’ ” said the Caterpillar. Alice folded her hands, and began :—</p> <p>“You are old, father William,” the young man said, “And your hair has become very white; And yet you incessantly stand on your head— Do you think, at your age, it is right ?”(pg.62.63)</p>	<p>“—De que coisas não pode lembrar-se? – perguntou o Bicho.</p> <p>-- De muitas. Daquela poesia que começa assim, por exemplo: ‘Minha terra tem palmadas’...</p> <p>-- Palmeiras – emendou o Bicho. – ‘Minha terra tem palmeiras onde canta o’... Acabe!</p> <p>-- ‘Onde canta o crocodilo’ – completou Alice.” (p.36)</p>
<p>“I must have been changed for Mabel! I’ll try and say ‘How doth the little—” and she crossed her hands on her lap, as if she were saying lessons, and began to repeat it, but her voice sounded hoarse and strange, and the words did not come the same as they used to do:—</p> <p><i>“How doth the little crocodile Improve his shining tail, And pour the waters of the Nile On every golden scale! How cheerfully he seems to grin, Howneatly spreads his claws, And welcome little fishes in With gently smiling jaws!”</i> (pg.20)</p>	<p>Omitido na tradução</p>
<p><i>“Will you walk a little faster?” said a whiting to a snail, “There’s a porpoise close behind us, and he’s treading on my tail. See how</i></p>	

<p><i>eagerly the lobsters and the turtles all advance! They are waiting on the shingle— will you come and join the dance? Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance? Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?</i></p> <p><i>“You can really have no notion how delightful it will be When they take us up and throw us, with the lobsters, out to sea!” But the snail replied “Too far, too far!” and gave a look askance— Said he thanked the whiting kindly, but he would not join the dance. Would not, could not, would not, could not, would not join the dance. Would not, could not, would not, could not, could not join the dance.</i></p> <p><i>“What matters it how far we go?” his scaly friend replied, “There is another shore, you know, upon the other side. The further off from England the nearer is to France— Then turn not pale, beloved snail, but come and join the dance. Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance? Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?”(pg.151.152)</i></p>	<p>Omitido na tradução</p>
--	----------------------------

Excerto 7 Trecho de Alice'sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Outros excertos retirados da tradução exemplificam melhor a estratégia de Exclusão após análises. A exemplo temos o excerto 8 no qual o ICE é excluído, o mesmo trata-se de uma referência ao famoso escritor inglês William Shakespeare, em uma ação natural à qualquer pessoa quando se está pensando, colocando o dedo/mão na testa. Devido à natureza do público infantil, e a capacidade cognitiva tal ICE é excluído.

<p>“This question the Dodo could not answer without a great deal of thought, and it sat for a long time with one finger pressed upon its forehead, (the position in which you usually see Shakespeare, in the pictures of him,) while the rest waited in silence.” (pg. 33-34)</p>	<p>“O Ganso ficou atrapalhado e permaneceu uns segundos com o dedo espetado na testa, pensando. Por fim deu a decisão: -- Todos ganharam e todos vão receber o prêmio.” (pg.23)</p>
---	---

Excerto 8 Trecho de Alice'sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

A partir da análise do excerto 9 percebe-se o uso da estratégia de Substituição por Sinonímia, ao fazer uso desta estratégia, Lobato, usa uma referência paralela ao ICE no nível estilístico. No texto original o termo “*Caucus-race*” trata-se de uma expressão idiomática inglesa, uma corrida que demanda dos participantes uma grande quantidade de tempo, desempenho e compromisso, na qual os participantes correm do modo que preferirem, uma tentativa dos personagens de ficarem enxutos depois de nadarem no “mar de lágrimas” produzidos por Alice. A estratégia de tradução do termo pelo sinônimo “*sui generis*” mantém o sentido do texto, mas trazendo o ICE para o contexto dos leitores.

<p>“What I was going to say,” said the Dodo in an offended tone, “was, that the best thing to get us dry would be a Caucus-race.” (Pg.32)</p>	<p>“-- O que eu queria dizer – prosseguiu o Ganso um tanto ofendido – era que a melhor coisa pra secar é uma corrida <i>sui generis.</i>” (Pg.22)</p>
--	---

Excerto 9 Trecho de Alice'sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

No seguinte excerto 10, a estratégia utilizada foi a da Universalização Absoluta, na qual Lobato opta por apagar a conotação estrangeira do ICE, substituindo-a por uma mais próxima do leitor, fazendo uso assim de uma referência neutra, como são os casos das medidas usadas na tradução.

<p>“She got up and went to the table to measure herself by it, and found that, as nearly as she could guess, she was now about two feet high, and was going on shrinking rapidly[...].” (pg.22)</p>	<p>“Dizendo isto, correu para perto da mesa afim de medir-se, e verificou que encolhera de nôvo e estava com apenas sete centímetros de altura.” (p.16)</p>
<p>“—I can’t remember half of them—and it belongs to a farmer, you know, and he says it’s so useful, it’s worth a hundred pounds!” (pg.27)</p>	<p>“Uma galanteza! Pertence a um cachaceiro que vive a gabá-lo, e a dizer que nem por um milhão de cruzeiros dá o cão tão bom caçador de rat...” (pg.18)</p>
<p>““Well, I should like to be a little larger, sir, if you wouldn’t mind,” said Alice : “ three inches is such a wretched height to be.”” (pg.67)</p>	<p>“—Está satisfeita com a altura que tem agora? Quer ficar sempre assim? – Perguntou duma pausa o Bicho. -- Não, senhor. Quero crescer um pouco mais. Dez centímetros não é altura de gente.” (pg.37)</p>

Excerto 10 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

No excerto 11 a estratégia de Universalização Absoluta dá-se através da tradução do ICE “*Jack-in-the-box*”, um brinquedo infantil como uma caixa, na qual existe um boneco dentro, que pula em direção a pessoa ao ser aberta a caixa, por não se achar termo equivalente no português a estratégia foi substituí-la pela palavra “foguetete”, objeto voador reconhecido facilmente pelo público alvo.

<p>““but I ’m a deal too flustered to tell you—all I know is, something comes at me like a Jack-in-the-box, andu p I goes like a sky-rocket !”” (pg.52)</p>	<p>“—Estou muito atordoado. Uma coisa misteriosa me fez subir pelos ares que nem um foguete.” (pg.30)</p>
--	--

Excerto 11 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Na tradução do Excerto seguinte 12, a estratégia utilizada por Lobato encaixa-se na de Naturalização, ao trazer o ICE para a língua de chegada. Essa naturalização do ICE é percebida na tradução da palavra “*March Hare*” pela palavra “Lebre Telhuda”. A palavra original diz respeito a um animal pertencente a família dos coelhos, tal animal entra em estado de excitação e age estranhamente, durante o período de março, época de primavera e reprodução destes animais na Europa, razão pela qual a personagem se chama *March Hare* (Lebre de Março).

<p>“Alice waited a little, half expecting to see it again, but it did not appear, and after a minute or two she walked on in the direction in which the March Hare was said to live. ‘I’ve seen hatters before,’ she said to herself:’ the March Hare will be much the most interesting, and perhaps as this is May it won’t be raving mad— at least not so mad as it was in March.” (p.92.93)</p>	<p>“Alice ainda esperou uns momentos, certa de que êle voltaria pela terceira vez para perguntar mais alguma coisa. Mas, como não voltasse, dirigiu-se para os lados da Lebre Telhuda. ‘Já vi muitos chapeleiros’, ia murmurando, ‘e é gente que não me interessa. Prefiro conhecer a Lebre Telhuda. Como estamos em maio, é possível que esteja menos maluca que em abril”” (pg.48)</p>
---	---

Excerto 12 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Na tradução, a naturalização do ICE é consciente e mostra a forma inteligente que Lobato faz ao trazer o ICE para a cultura de chegada, transformando-o em uma réplica cultural. No Brasil o equivalente ao termo encontrado por Lobato foi *Lebre Telhuda*, ao atribuir o adjetivo telhuda, geralmente atribuído a pessoas mal-humoradas, ao animal Lobato, traz as características do personagem original para a tradução, bem como o comportamento do

animal, que no durante os períodos mais quentes age estranhamento, esse período no Brasil, corresponde ao mês de abril.

A estratégia de Naturalização é usada na tradução do termo “*Brandy*” (conhaque) no original e “pinga” na tradução no excerto 13, nome dado no Brasil a destilação da cana-de-açúcar. No excerto 14 vemos a mesma estratégia, na qual Lobato traduz a palavra “Hookah” uma espécie de narguilê usado para fumar tabaco, pelo termo “cachimbo”, palavra derivada do termo quimbundo *kixima*. “Pito” derivada do tupi *peti’ar*, “tomar o tabaco”, ou seja, um item específico da cultura de chegada. No excerto 15, a naturalização do termo “*MadTea-party*” dá-se através do abasileiramento do “evento”, no qual pessoas se reúnem para tomar chá e comer, uma visão já estereotipada da cultura inglesa, de uma jeito informal o adjetivo “*Mad*” (louco) é traduzido por “doido”, que aliado a palavra “varrido” caracteriza uma pessoa que tem algo varrido, talvez o juízo. A expressão “doido varrido” utilizada na tradução, faz parte de expressões populares brasileiras.

<p>“Hold up his head—Brandy now—Don ’t choke him—How was it, old fellow? What happened to you ? Tell us all about it !” (pg.52)</p>	<p>“—Vá salvar o periquito! – Ordenava o Coelho. – Levante-lhe a cabeça. Dê-lhe um pouco de pinga para que volte a si.” (pg.30)</p>
--	--

Excerto 13 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

<p>“that was sitting on the top with its arms folded, quietly smoking a long hookah, and taking not the smallest notice of her or of anything else.” (pg.58)</p>	<p>“um Bicho-Cabeludo que fumava claramente o seu cachimbo e parecia indiferente ao que passava ao redor.” (pg.33)</p>
--	--

Excerto 14 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

<p>“A mad tea party” (pg.95)</p>	<p>“Um chá de doidos varridos” (pg.50)</p>
----------------------------------	--

Excerto 15 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

Outro exemplo da estratégia de Naturalização está no excerto 16, ao optar pela tradução da palavra “*Dormouse*” pela palavra “Rato do campo” Lobato aproxima o leitor infantil da cultura de chegada, apesar de ambos os animais tratarem-se espécies da mesma família, o “*Dormouse*” é encontrado apenas na Europa (região das ilhas da Grã-Bretanha), e outros na África e Ásia, e são conhecidos pelos longos períodos de hibernação, o “Rato do campo” opção de tradução do autor, é uma espécie brasileira de rato, encontrado em todas as regiões do país, o animal tem as mesmas características do animal do livro original, ou seja, sonolento, animais noturnos, e onívoros.

<p>“THERE was a table set out under a tree in front of the house, and the March Hare and the Hatter were having tea at it: a Dormouse was sitting between them, fast asleep, and the other two were using it as a cushion, resting their elbows on it, and talking over its head. ‘Very uncomfortable for the Dormouse,’ thought Alice; ‘only, as it’s asleep, I suppose it doesn’t mind.’” (pg.95)</p>	<p>“O Chapeleiro e a Lebre Telhuda estavam tomando chá debaixo de uma árvore, fronteira à casa. Entre os dois sentaram-se um Rato do Campo, o qual dormia a bom dormir, e sono tão pesado que a Lebre e o Chapeleiro apoiavam nêles os cotovelos, como se fôsse almofada. ‘Muito mal deve estar passando o Rato’ – Pensou Alice. ‘Em todo caso, como está dormindo, talvez não sinta a dor.’” (pg.50)</p>
--	--

Excerto 16 Trecho de Alice’s Adventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

A mesma estratégia para tradução de animais é usado nos excertos 17, 18. No excerto 17 a escolha tradutória de Lobato, foi traduzir a palavra “*Hedgehogs*”, um animal de origem europeia, e encontrado nos Estados Unidos, Ásia, África e Nova Zelândia, não existe tradução do nome para o português, pela palavra “ouriço”, um dos maiores insetívoros da fauna brasileira, ambos tem as mesmas características, mas são considerados ICE’s em seus devidos contextos. No excerto 18, a escolha tradutória de Lobato ao traduzir a palavra “*magpie*”, uma ave encontrada na Europa, conhecida por ser um dos animais mais inteligentes do mundo e único ser não-mamífero capaz de se reconhecer no teste do espelho, pela palavra “coruja”, está relacionada também a escolha por um item da cultura de chegada, a exemplo da coruja,

encontrada em todo o território nacional, e popularmente conhecido no Brasil como sinônimo de animal inteligente e sabedoria.

<p>“Alice thought she had never seen such a curious croquet-ground in her life: it was all ridges and furrows; the croquet-balls were live hedgehogs, the mallets live flamingoes, and the soldiers had to double themselves up and to stand on their hands and feet, to make the arches.” (pg.121)</p>	<p>“Alice jamais vira um campo de <i>croquet</i> como aquele, cheio de altos e baixos. As bolas eram ouriços vivos e os arcos eram formados pelos soldados, dobrados pelo meio do corpo, com as mãos e os pés enterrados no solo.” (pg.62)</p>
--	---

Excerto 17 Trecho de Alice’s Adventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

<p>“This speech caused a remarkable sensation among the party. Some of the birds hurried off at once : one old maggie began wrapping itself up very carefully, remarking, “ I really must be getting home ;” (p.39)</p>	<p>“Aquelas palavras impressionaram seriamente alguns dos bichos de penas, os quais trataram de afastar-se da dona de tão perigoso animal. Uma velha coruja agasalhou-se dentro de seu xalinho, dizendo: -- Preciso ir embora.” (pg. 25-26)</p>
--	--

Excerto 18 Trecho de Alice’s Adventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

O caso de Naturalização do excerto 19, trata-se da tradução do seguinte trecho, no qual Lobato ao traduzir tal trecho deixa evidente a visão estereotipada dos ingleses, tomando chá às 17:00 horas (cinco da tarde), o ICE é trazido para a cultura de chegada, sendo adaptado a essa visão.

<p>““And ever since that,’ the Hatter went on in a mournful tone, ‘he won’t do a thing I ask! It’s always six o’clock now.’ A bright idea came into Alice’s head. ‘Is that the reason so many tea-things are put out here?’ she asked.” (pg.104)</p>	<p>“—E desde então – prosseguiu o Chapeleiro com a voz abatida – o Tempo não faz nada do que lhe peço. Êste meu relógio marca sempre cinco horas. Alice teve uma grande idéia: -- Hum! É por isso que o chá está sempre na mesa. Compreendo agora. <i>Chá das cinco...</i>” (pg.54)</p>
--	---

Excerto 19 Trecho de Alice’s Adventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

A estratégia de Naturalização da tradução, percebe-se ainda através do excerto 20, o trecho “*She boxed the Queen’s ears*” ou expressão “*Boxe someone’s ears*” trata-se de um ato violento, praticado durante a era Vitoriana, no qual adultos batiam com as duas mãos nos ouvidos das crianças, uma forma de puni-las por algo que tivessem feito “errado”, a opção tradutória de Lobato foi abrigar o termo, com a palavra informal “sopapo”, usada no cotidiano, referente a golpe/tapa.

<p>“‘It’s—it’s a very fine day!’ said a timid voice at her side. She was walking by the White Rabbit, who was peeping anxiously into her face. ‘Very,’ said Alice:—‘where’s the Duchess?’ ‘Hush! Hush!’ said the Rabbit in a low, hurried tone. He looked anxiously over his shoulder as he spoke, and then raised himself upon tiptoe, put his mouth close to her ear, and whispered, ‘She’s under sentence of execution.’ ‘What for?’ said Alice. ‘Did you say ‘What a pity!’?’ the Rabbit asked. ‘No, I didn’t,’ said Alice: ‘I 46ai’t think it’s at all a pity. I said ‘What for?’’ ‘She boxed the Queen’s ears—‘ the Rabbit began. Alice gave a littlescreamoflaughter.” (pg.119-120)</p>	<p>“—Que lindo dia! – Exclamou uma voz ao seu lado. Era o Coelho Branco. -- Lindo, realmente – concordou a menina. – Onde está a Duquesa? O Coelho Branco ergueu-se na ponta dos pés e disse-lhe ao ouvido: -- Foi condenada à morte! -- Por quê? -- Está com pena dela? -- Nenhuma. Estou apenas curiosa de saber a causa da sua condenação. -- Ela deu um sopapo na cara da Rainha... – começou o Coelho a contar, mas teve que interromper a narrativa, tal o acesso de riso que atacou Alice.” (pg.62)</p>
---	--

Excerto 20 Trecho de Alice’sAdventures in Wonderland/Alice no País das Maravilhas

CONCLUSÃO

Neste trabalho buscamos traçar um breve panorama histórico da literatura infantil e sua tradução, fazendo o uso da teoria dos polissistemas, e através dessa teoria mostrar os motivos pelos quais a área por muito tempo foi considerada área de menor prestígio, mostrando sua posição dentro desse polissistema, e como a cultura, como um fenômeno semiótico faz parte do polissistema e ajuda a entender a tradução como parte integrante da cultura, a contextualização da literatura infantil foi abordada tanto mundialmente quanto nacionalmente.

Como foi abordado neste trabalho, vimos que a literatura infantil é uma área que até então apresenta problemas quanto a sua conceituação, dada a multiplicidade deste termo, o presente trabalho trouxe também questões referentes aos problemas encontrados no processo de tradução da literatura infantil, e os riscos tomados pelos tradutores ao se traduzirem tal gênero, dada questões complexas, como a questão cultural no processo tradutório.

Também foi traçado uma breve contextualização tanto sobre a vida pessoal e profissional do autor Monteiro Lobato, bem como seu projeto de modernizar o país através da literatura, como do contexto no qual estava inserido o autor inglês Lewis Carrol.

Para justificar a análise das obras deste trabalho foram usados conceitos de Toury (1995) sobre a importância da cultura e do contexto no ato tradutório, e a forma de inserção em uma determinada cultura através desse ato, o conceito de Hermans (1985) sobre a manipulação no ato da tradução, também foi usado no que diz respeito aos ajustes feitos pelos tradutores para que tal obra seja aceita no sistema de chegada, segundo seus objetivos.

Como o objetivo deste trabalho era a verificação de estratégias de tradução utilizadas por Monteiro Lobato na tradução da obra, foi usada a proposta de classificação de estratégias de tradução de Itens Culturais Específicos de Javier Aixelá, para mostrar como estas estratégias foram usadas pelo autor, bem como seus objetivos, diante o contexto em que se encontrava.

Através da análise dos excertos foi possível chegar a conclusão que Lobato, ao realizar as estratégias de tradução dos Itens Culturais Específicos, teve seu objetivo concretizado, de apresentar para o público infantil, uma tradução simples, sem enfeites estilísticos, com uma linguagem que buscava o tom coloquial da oralidade, e ao mesmo tempo trazendo para o leitor o universo cultural não apenas inglês, pois a obra original está imbricada com elementos da cultura inglesa, mas também o brasileiro, através da tradução inteligente dos Itens Culturais Específicos.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, Javier Franco (1996) **‘Culture-specific Items in Translation’** In: Álvarez, Roman M. & Carmen Vidal (ed.) , *Translation, Power, Subversion*, Clevedon: Multilingual Matters 52-77.
- BAKER, Mona (org.) (1998) *Routledge encyclopedia of translation studies*. London/New York: Routledge.
- CARROL, Lewis. *Alice’s Adventures in Wonderland*. Chicago: A BookVirtual Digital Edition, v.1.2, 2000.
- COHEN, Morton N. *Lewis Carroll: A Biography*, London: Macmillan, 1995. Print.
- DUARTE, Katarina Queiroga. **Alice por artes de Narizinho: Alice no País das Maravilhas, de Monteiro Lobato**. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **The position of translated literature within the literary polysystem**. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The translation studies reader*. London and New York: Routledge, 2000.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem**. In: HOLMES, J. S. et al (ed.) *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1979, p. 117-127.
- GHESQUIERE, Rita. **Why does Children Literature Need Translations?** In: COILLIE, Jan Van; VERSCHUEREN, Walter. (ed.) *Children’s Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing, 2006.
- HERMANS, Theo. **Introduction: translation studies and a new paradigm**. In: HERMANS, Theo (Ed.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. New York: St. Martin’s Press, 1985.
- KLINGBERG, G. **Children’s fiction in the hands of translators**. Blooms. Boktykeri: Lund, 1986.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007
- LEFEVERE, André. **Translating literature: practice and theory in a comparative literature context**. New York: The Modern Language Association of America, 1992.
- LATHEY, G. **The translation of children's literature: a reader**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.
- LOBATO, Monteiro. **A Aritimética da Emilia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LOBATO, Monteiro. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1968 a. 1 v.

_____. **Cartas Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1959. 2 v.

_____. **A Barca de Gleyre**– 2º Tomo. In: LOBATO, Monteiro. *Obras completas de Monteiro Lobato*. v. 12, RJ: Brasiliense, 1955c. p. 104-328.

MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. **Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica**. Gragoatá: Lugares da tradução. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. Niterói, n. 13, p. 33-52, Dez. 2002.

MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. São Paulo: Alínea, 2004.

QUEIROGA, Marcilio Gracia de; FERNANDES, Lincoln P. **Translation of Children's Literature**, Florianópolis, v.36, n, p. 62-78, jan/abr.2016.

ROBINSON, Douglas. **Becoming a translator: an accelerated course**. New York and London: Routledge, 1997a.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SHAVIT, Zohar. 1986. **Poetics of Children's Literature**. Athens and London: University of Georgia Press

SILVA, Alexander Meireles. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. 2ª Ed. rev. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

THOMAS, Donald. **Lewis Carroll: A portrait with background**. London. John Murray Ltd., 1996.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

VANDERAUWERA, Ria. **Dutch novels translated into English: the transformation of a "minority" literature**. Amsterdam: Rodopi, 1985.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. São Paulo: EDUSC, 2002.

WOOLF, Jenny. **The Mystery of Lewis Carroll**. Londres: Macmillan. 2010.

O'CONNELL, E. Translating for children. In: LATHEY, G. **The translation of children's literature: a reader**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.